RESENHA 1

Resenhado por Rony Márcio Cardoso Ferreira*
e Edgar Cézar Nolasco**

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: *Estudos Culturais*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009.

Cadernos de Estudos Culturais trata-se de uma publicação semestral temática que visa a propiciar uma discussão teórico-crítica acerca dos Estudos Culturais e da Literatura Comparada no Brasil e, por conseguinte, na América Latina. Esse periódico surgiu com o intuito de ampliar as discussões realizadas no espaço da disciplina obrigatória *Literatura Comparada*: fundamentos, do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens - UFMS, e discutir com mais propriedade intelectual a cultura local fronteiriça do estado de Mato Grosso do Sul. O volume a ser analisado tem por rubrica "Estudos Culturais" e encontra-se composto por 10 ensaios, como se observará nas páginas que se seguem.

Em "Bugres *subalternus*", Edgar Cezar Nolasco traz à pauta da discussão o traço subalternista tão presente e marcador da cultura local do estado de Mato Grosso do Sul. Para tanto, o crítico analisa culturalmente os bugres esculpidos em madeira pela artista popular Conceição. Além de ressaltar o traço biográfico existente entre a criação e o criador, Nolasco lembra a estreita relação que pode haver entre a Lenda da Mani, apresentada por Couto de Magalhães em *O selvagem*, e os bugres de Conceição, uma vez que a escultora revelou que tudo começou quando viu uma mandioca que, em seu estado natural, tinha cara de gente.

O ensaísta, na segunda parte de seu texto, mostra-nos, por meio da articulação teórico-crítica veiculada pelos estudos subalternos, que, desde o nome recebido, a produção de Conceição trata-se de um objeto culturalmente subalterno, fato este que justifica o título de seu texto. E, ainda, Nolasco afirma que os próprios "bugres", por si só, sinalizam o local subalterno que ocupam, já que "estão todos em posição de sentido, prestes a romperem o silêncio cristalizado na cultura elitista e na sociedade excludente, como única forma de que o outro escute seu balbucio (Achugar) e, assim, ocupem seu lugar que não pode ser só mais metafórico, mas real concreto" (p. 15).

O segundo texto é de Eneida Maria de Souza e intitula-se "Babel multiculturalista". Nele, a autora toma como *leitmotiv* para a sua reflexão sobre o

* Graduado em Letras (Português/Espanhol) pela UFMS e Mestrando do Curso de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens pela mesma Universidade.

** Doutor em Estudos Literários pela UFMG e professor dos Cursos de Graduação em Letras e Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens da UFMS.

multiculturalismo o filme *Babel* (2006). Segundo Souza, a questão multiculturalista pode ter se tornado ponto comum no discurso das ciências humanas, mas deve ser constantemente rearticulada, sobretudo quando nos lembramos que tal questão é de suma importância quando nos voltamos para a América Latina.

A ensaísta argumenta que para melhor se compreender a cultura no mundo globalizado, permeado pela multiculturalidade, é necessário revisitar os vários pontos embasadores da modernidade, para que possamos nortear as indagações que pairam no ar do mundo pós-moderno. Com êxito, Souza faz um passeio teórico-crítico por autores como Martín-Barbero, Fredric Jameson, Arjun Appadurai, Stuart Hall e Antony Giddens, com o fim de esclarecer as diferentes modalidades no conceito de modernidade presente no filme em questão.

Na análise do filme propriamente dita, a autora se volta para vários pontos relevantes: a intraduzibilidade e a incompreensão entre as personagens do filme, a montagem simultânea dos cortes cinematográficos que aludem a um verdadeiro quebra-cabeça da cultura no mundo globalizado, as diferenças no âmbito cultural e as ações e desejos comuns a todo humano, a imprevisibilidade na sociedade contemporânea, para citar apenas alguns. Por fim, Souza conclui seu texto afirmando ser os descompassos da modernização os fatores que fazem com que o mito bíblico do Gênisis sirva de alusão a toda reflexão crítica que se volte para a cultura pós-moderna. E mais, para Souza (p. 28),

> *Babel* representa cenas alegóricas que remetem tanto as desigualdades e descompassos entre os povos quanto para a imagem do acaso como estratégia para a dominação do mundo pelos países que ainda impõem seu poder hegemônico diante dos países periféricos.

O terceiro texto, "Do descarte e da gambiarra – caminho das coisas", é de autoria de Maria Adélia Menegazzo. Nele, a autora volta-se para uma reflexão sobre a poética do descarte e da gambiarra na arte contemporânea. Menegazzo tem como ponto de partida um vídeo dos suíços Peter Fischlie e David Weiss que se intituta *Der Lauf der Ding* (The Wais things go) ou *The amazing chain reaction* de 1987. Em sua análise, logo no início do texto, a crítica de arte já sinaliza que produtos até então considerados "inúteis" e "obsoletos" vão entrar em cena na arte contemporânea e se associar a uma proposta de sustentabilidade do mundo globalizado.

Assim, na esteira de Baudelaire e Lipovetsky, Menegazzo alega que ocorre na poética contemporânea uma retomada do "novo", na medida em que se nota presente um processo de *inventividade do que aparentemente não funciona*. Essa proposição se torna mais clara ainda quando a autora analisa obras de artista como: El Anatsui, Marepe, Riviane Newnschwander, Cildo Meireles e Cao Guimarães. Para a ensaísta, esses artistas contribuíram na configuração do que Hans Dielman veio a chamar de "categorias de reflexividade e reflexão sobre o mundo". Tais categorias são esclarecedoras no que se refere à proposta política da poética do descarte e da gambiarra, chamando, desse modo, atenção dos estudos sobre cultura.

O quarto texto é de autoria de Maria Antonieta Pereira e intitula-se "Utopia, literatura e ensino". Nele, a autora se propõe, na verdade, a fazer uma espécie de "relato teórico-reflexivo" sobre o Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão "A tela e o texto", o qual coordena. Pereira afirma que esse Programa começou a ser pensado a partir de uma pesquisa de Iniciação Científica, "A tela e o texto: literatura e trocas culturais no Cone Sul", que orientava no período no qual escrevia sua tese de doutorado. Atravessada teoricamente pela idéia de cidade utópica (questão central na tese mencionada, que, por sua vez, voltava-se para a análise do romance *A cidade ausente* de Ricardo Piglia), a autora inclina-se para o problema da leitura na cidade de Belo Horizonte, problema este que seria o motivo para o surgimento do Programa aqui já referido.

Segundo a ensaísta, o referido Projeto tem por fim ampliar os níveis de leitura da população socialmente excluída, dos considerados alfabetizados e, até mesmo, dos letrados. Com o papel de alterar o cenário da formação de leitores, o Projeto conta com 11 projetos, que atingem de forma direta e põem em diálogo a universidade, a sociedade e as comunidades locais. Maria Antonieta Pereira alega que a inconformidade com o mundo é o que faz com que educadores, como ela, proporcionem a criação de novos espaços utópicos. "Porque podemos sonhar de olhos abertos e, de fantasia em fantasia, ir modificando as formas de viver. Porque sabemos que, nas cidades do sol, que imaginamos, também somos apenas outras formas de sonhar" (p. 46).

Em "Entre a letra e a arena real: a Terra de Antônio João", quinto ensaio dos *Cadernos*, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos trata de delicadas questões no que tange ao fenômeno da transculturação e o papel da "cidade letrada" na cultura em Mato Grosso do Sul, especialmente na região da Grande Dourados. Para tanto, o crítico traz à pauta da discussão as noções de mestiçagem e hibridismo tão importantes para uma melhor abordagem do "macrotexto cultural" da região citada.

A querela entre os indígenas e o discurso da "cidade letrada" é o ponto de partida do qual se vale o autor para evidenciar as agravantes políticas, culturais, econômicas e sociais que emergem quando se trata da demarcação de terras indígenas no estado de Mato Grosso do Sul. Com o intuito de esclarecer a proposição teórica que perpassa as páginas de seu ensaio, o crítico menciona fatos como: a morte do índio Marçal de Souza em 1998, o movimento do gentílico guaicuru no período de criação do estado, as portarias da FUNAI dos últimos anos, dentre outras manifestações artísticas locais.

Na ultima parte de seu texto, o ensaísta afirma que dentro dessa arena uma parte dos envolvidos é condenada ao silêncio: os indígenas; o que na visão do crítico é uma contradição, uma vez que a constituição prevê voz aos índios. Essa posição subalterna, em que se situa o discurso indígena na arena cultural onde se sobressae a "cidade letrada", é magistralmente traduzida nas seguintes palavras de Paulo Nolasco: "[...] o foco da questão passa e continua a ser uma querela a entreter o 'combio das cordas', como diz o poeta, do homem branco na sua insaciável loquacidade – vocábulo híbrido de loquaz e cidade, representando o poder de falar" (p. 58).

O sexto ensaio é de Rachel Esteves Lima e intitula-se "Os estudos culturais e a crise da universidade moderna". Nele, a ensaísta foca-se em evidenciar como a chegada

dos estudos culturais provocou uma revisão nas concepções modernas que estruturam o modelo da universidade brasileira. Com o abalo da noção de cultura, provocado pela corrente teórico-crítica mencionada, Lima alega que não houve mudanças radicais no tocante às práticas do conhecimento que alicerçaram as Instituições de Ensino Superior no Brasil. Contudo, não deixa de ressaltar a importante contribuição de tal corrente no que se refere à questão da pós-disciplinaridade, mesmo não sendo muito "bem-vinda" por parte da intelectualidade acadêmica.

Para exemplificar os apontamentos reflexivos propostos, a autora analisa dois romances que alegorizam e figuram "a ruína e a decadência do saber universal": *Alegres memórias de um cadáver*, de Roberto Gomes, e *Uma aula de matar*, de Ana Arruda Callado. Em sua análise, Lima conclui que, com as referências da pós-modernidade (Lyotard e Jameson), não há como subordinar a arte (neste caso, a literatura) a um regime disciplinar. Devido essa conclusão, a ensaísta afirma a notoriedade de uma intelectualidade "não-especilizada" ou de massa (Paolo Virno), que se pauta na prática de uma nova concepção do estudo das artes em geral, já que tal intelectualidade propunha, até mesmo, a eleição de novos objetos a serem estudados.

Assim, verifica-se uma perda da função da universidade moderna, fundada em torno da noção de cultura nacional. Desse modo, entre revisões e momentos de "crise", Lima vê a universidade enredada à uma narrativa policial, uma vez que

> [...] dentro ou fora da universidade, no Brasil ou no exterior, a história ainda não terminou, cabendo a todos nós dar continuidade ao seu enredo. E para a construção dessa narrativa, talvez o melhor a fazer seja, de imediato, expor, com a maior clareza possível, as posições que cada um de nós [...] desejamos assumir frente às mudanças que ora estão em curso nessa instituição (p. 72).

Em "Babel-Cosmópolis: um imperativo digital", sétimo ensaio dos *Cadernos*, Renato Cordeiro Gomes propõe-se a ler a cidade cosmopolita do século XXI como instância integrante de um sistema comunicacional que, por sua vez, redefine-se nos meandros da cultura midiática das grandes metrópoles. Na esteira de teóricos como Prysthon, Martín-Barbero e Resende, Gomes constrói em seu texto uma imagem da cidade associada ao mito bíblico de Babel e sua torre.

O ensaísta se detem, basicamente, em três objetos para articular teórico-criticamente a proposta acima mencionada. O primeiro trata-se do tema da São Paulo Fashion Week de 2008: "Babel do século XXI". Segundo Gomes, a cenografia do evento, direcionada pela torre de babel e os meios tecnológicos do século XXI, voltava-se para o fato de que a moda também é babélica, uma vez que a mesma circula em vários pontos do planeta, configurando, assim, *uma babel cultural de estilos*.

O segundo objeto trazido à pauta do ensaio é a queda das *Twin Towers* da cidade de Nova York, em setembro de 2001. Segundo o crítico, o que antes se tomava como ficção, por meio, principalmente, de filmes e livros, torna-se realidade na virada do século e faz com que a babélica Nova York repense a sua identidade já múltipla, heterogênea e fragmentada.

O terceiro objeto é o filme *Babel* (2006), do mexicano González Iñarritu. Em sua análise, Gomes ressalta que, na contemporaneidade, a relação das línguas, das comunicações, da linguagem dos sinais, do discurso da política internacional e do hibridismo da linguagem de fronteira exige do meio cultural cosmopolita uma rearticulação constante do processo de *Tradução cultural* (Homi Bhabha).

Assim, o emblema da cidade nos discursos das mídias e das artes, evocado no início do ensaio, resume-se, *grosso modo*, ao fato de que o cosmopolitismo "está atrelado ao 'imperativo digital' [...], que, na Babel que é o século XXI, gera novos modelos de simbolização e ritualização dos laços sociais que se tecem pela mediação das redes comunicacionais do imperativo digital, da cibercultura. Babel midiática" (p. 86).

O oitavo ensaio dos *Cadernos*, "Destino: globalização. Atalho: nacionalismo:. Recurso: cordialidade", de autoria do crítico e escritor mineiro Silviano Santiago, volta-se para a questão da "monstruosidade" que o eurocentrismo causou na concepção de universalidade cultural e artística. Santiago evoca em seu ensaio teóricos, críticos e intelectuais que tratam dessa delicada questão. Entre eles, destacam-se as inferências do pensador marroquino Abdesselam Chedaddi, que recorre à noção de crise e indaga sobre a ausência dos mulçumanos e muitos outros povos no mapa mundial rigorosamente europeu no mundo pós-colonial. O outro discurso trazido à cena pelo ensaísta é a proposta do cineasta chinês Zia Zhangke no filme *The World*. Tal proposta é o descentramento global, no qual a China passa a ser o centro do mundo e ensaia-se a representação dramática de uma nova globalização.

Ainda nessa esteira do descentramento do eixo do globo, Santiago retoma as afirmações de Michel Foucault, em *As palavras e as coisas*, sobre a idealização de uma certa enciclopédia chinesa imaginada por Jorge Luis Borges. A partir da proposta borgeana, o ensaísta se volta para questões que continuam a incomodar o mundo globalizado: o local, o universal e o limite do ocidente na extensão do mapa-múndi.

Ratificando o titulo do ensaio, Santiago afirma que, no *destino da globalização*, intelectuais brasileiros modernistas de 1920, para inscrever a identidade nacional no ocidente, optaram por um *atalho ao nacionalismo*, que propunha o acesso ao universal pela máxima da pluralidade étnica (*Nhengaçu Verde Amarelo* – 1929, *Manifesto Pau-Brasil* – 1924 e *Manifesto Antropófago* – 1928). Contudo, o ensaísta não deixa de ressaltar que os modernistas *costuraram com uma linha eurocêntrica um nacionalismo combatente e provocaram um descentramento da Europa nos trópicos*. Para melhor expor o projeto modernista, o autor traz à cena as cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade.

Para encerrar a última tônica sugerida pelo título do ensaio, Santiago afirma, na esteira de Sérgio Buarque de Holanda, que o *recurso a cordialidade* na identidade nacional "tinha e ainda tem o estatuto de *reserva*, sentido bancário do termo. O brasileiro assina o cheque da *cordialidade* nos momentos deficitários de crise" (p. 102, grifos do autor). Desse modo, o que se pretendeu nesta afirmação foi deixar claro que ao evidenciar o nacional, a cultura brasileira recorre à cordialidade para promover um *bom concerto* da nação que, por sua vez, a fará ter espaço no *concerto universal*.

Em "Quando o sujeito resiste às balas perdidas e aos tiros certeiros: a insurreição do transgressor", nono ensaio dos *Cadernos*, Vânia Maria Lescano Guerra e Jefferson Barbosa de Souza tomam como objeto de análise as publicações das Revistas *Época, Veja e Caros Amigos*, que se voltaram no ano de 2006 para noticiar os casos do PCC em São Paulo, e a *Veja* de janeiro de 2007, que, por sua vez, apresentava um dossiê sobre como solucionar o crime.

Os autores, que têm como base teórico-crítica a Análise do Discurso francesa e os Estudos Culturais, alegam que o sujeito transgressor ocupa em "espaço" subalterno no discurso midiático, ou seja, o discurso do sujeito transgressor é representado como um "balbucio" que advém das margens da sociedade brasileira. Contudo, os ensaístas não deixam de salientar que essa transgressão provocada pelo sujeito não passa, na verdade, de um fruto que nasce das relações de violência e poder. Este último, a esfera escorregadia que, quase sempre, manipula o discurso midiático. Isso fica mais notório ainda, quando os autores afirmam que a mídia, além de um papel publicitário e informativo, possui uma função pedagógica muito grande, uma vez que a mesma se sente na competência de informar e emitir juízos de valor sobre os fatos ocorridos.

Tais postulados levam os ensaístas alegarem, metaforicamente, que a inteligência da segurança brasileira, "as torres brasileiras", está sendo destruída a tiros certeiros. Fato este que se dá já que a mídia constrói um universo discursivo em torno da crise e muita das vezes à "sombra universalista" dos direitos humanos. Além das reflexões propostas por Guerra e Souza, salta-nos aos olhos o posicionamento crítico e intelectual assumido pelos mesmos no tocante às formas do discurso contemporâneo: "pôr-se diante das enunciações do presente é o mesmo que se nos colocássemos a escuta de todas essas coisas ditas costumeiramente e as quais nos são intrínsecas: a descontínua e histórica forma do discurso" (p.125).

O último texto dos *Cadernos* é de autoria de Rony Márico Cardoso Ferreira e Marcos Antônio Bessa-Oliveira e intitula-se "Heranças Culturais: resenha do livro de Silviano Santiago". Como o próprio título deixa transparecer, tal texto é uma resenha crítica do último livro ficcional lançado em 2008 pelo escritor mineiro. No texto em questão, além de informar ao leitor o estofo do enredo, os autores tratam de fazer uma análise narrativa na qual se sobressaem questões como: o singular narrador do livro, a estrutura narrativa da obra, as relações entre a memória do narrador e a memória do computador no qual a história é digitada, o tom policialesco do romance e a aproximação existente entre a narrativa em questão e a prosa machadiana.

O objetivo central de nosso texto foi o de tornar público a importância que o primeiro volume dos *Cadernos de Estudos Culturais* possui no cenário da crítica especializada. Importância esta que pôde ser comprovada nas poucas páginas aqui transcritas, às quais trataram, *grosso modo*, dos objetos analisados e do arcabouço teórico-crítico veiculado por grandes nomes das críticas literária e cultural brasileira. Sinto-me orgulhoso em poder ajudar na divulgação do 1º volume de uma publicação que muito tem a contribuir, não só para o mundo das letras, como também para as humanidades em geral.